

A inserção das crianças no Ensino Fundamental: duas experiências possíveis

Vanessa Neves

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre
Infância e Educação Infantil
(NEPEI/FaE/UFMG)

Grupo de Estudos e Pesquisas em
Psicologia Histórico-Cultural na Sala
de Aula (GEPISA/FaE/UFMG)

Sumário

1. Escolarização: o que é isso?
2. Primeira experiência: A construção de uma turma “imatura” e “indisciplinada”
3. Segunda experiência: Diálogos entre a cultura de pares, a cultura da sala de aula e a cultura escolar
4. Conclusões

ESCOLARIZAÇÃO

- A educação acontece em uma relação entre sujeitos.
- A entrada em uma instituição escolar marca uma importante mudança no desenvolvimento social das crianças, uma vez que elas começam a perceber as próprias habilidades de produzir um mundo compartilhado, a cultura de pares, sem dependência direta dos adultos.
- **Estar na escola vai além de um processo simplesmente cognitivo.**

REDE DE RELAÇÕES NA ESCOLA

Criança-Turma

Professora-Turma

Criança-Criança

Professora-Criança

Criança-Artefatos culturais

Criança-Criança

Criança-conhecimento

Cada criança irá inserir-se nessa rede de interações de uma maneira particular, criando e recriando significados sobre si mesma e sobre o contexto no qual está inserida.

BRINCAR

- Há o estabelecimento de relações sociais entre as crianças com e através dos brinquedos. Deixar um colega brincar, emprestar ou não um brinquedo tornam-se códigos de sociabilidade entre as crianças, significando ser aceito pelo grupo e implicam gostar ou não do colega.
- As crianças se posicionam de diferentes maneiras durante as brincadeiras. O brincar torna-se um momento privilegiado em que novos modos de estar-no-mundo são apropriados pelas crianças.
- O brincar possui uma função criadora de sentidos.
- O brincar desenvolve o pensamento abstrato.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: A construção de uma turma “imatura” e “indisciplinada”

Essa experiência está relatada na minha tese de doutorado (TENSÕES CONTEMPORÂNEAS NO PROCESSO DE PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO) disponível no site da biblioteca.

Publiquei um artigo que trata desta questão. Ele está disponível em
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a08>

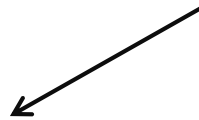
PRIMEIRO MÊS

- (i) As filas aconteceram em todos os momentos em que as crianças se deslocaram pela escola;
- (ii) As carteiras eram individuais, em filas, voltadas para a professora e o quadro negro;
- (iii) As brincadeiras entre as crianças foram permitidas apenas no momento do recreio;
- (iv) O espaço em que as crianças ficaram mais tempo foi a sala de aula (42% do tempo total no primeiro dia; essa porcentagem aumentou ao longo dos dias observados, chegando a 88% do tempo total em vários dias);
- (v) À medida que acabavam a merenda, as crianças poderiam ir para o pátio, o que significou que algumas crianças não merendaram todos os dias;
- (vi) Algumas crianças levavam um lanche individual.

**CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM
DA ESCRITA**



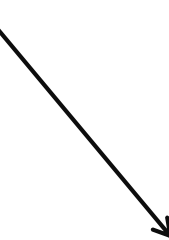
**ATIVIDADES
DE COORDENAÇÃO
MOTORA DESCONTEXTUALIZADAS**



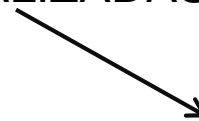
**RECUSA
DE
PARTICIPAÇÃO**



**DIFERENTES APROPRIAÇÕES
DAS ATIVIDADES**



**AVALIAÇÃO DA TURMA
COMO "IMATURA" E "INDISCIPLINADA"**



**MOMENTOS
DE ESPERA**



**CONFUSÃO
E "BAGUNÇA"**

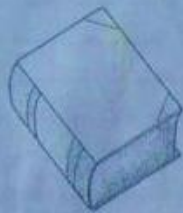


Quem quer sorvete?

3

Formas

Ligue as formas iguais.



Complete o tracejado e pinte os desenhos. As casquinhas de cor de **laranja** e os sorvetes da cor que você quiser.



Construção do ideal da escrita: *“Nós estamos aprendendo a ler”*

Lentamente, a professora Érica firma-se como coordenadora do grupo, construindo com a turma um ideal de aprendizagem centrado na apropriação do sistema de escrita. Tal ideal já se faz notar no primeiro contato de Érica com a turma. Ela não apenas escreve no quadro, mas propõe às crianças que levantem hipóteses acerca dessa escrita. Questionar as crianças, aproveitando todos os momentos da aula para contextualizar o processo de ler e escrever, torna-se o padrão naquela sala de aula.

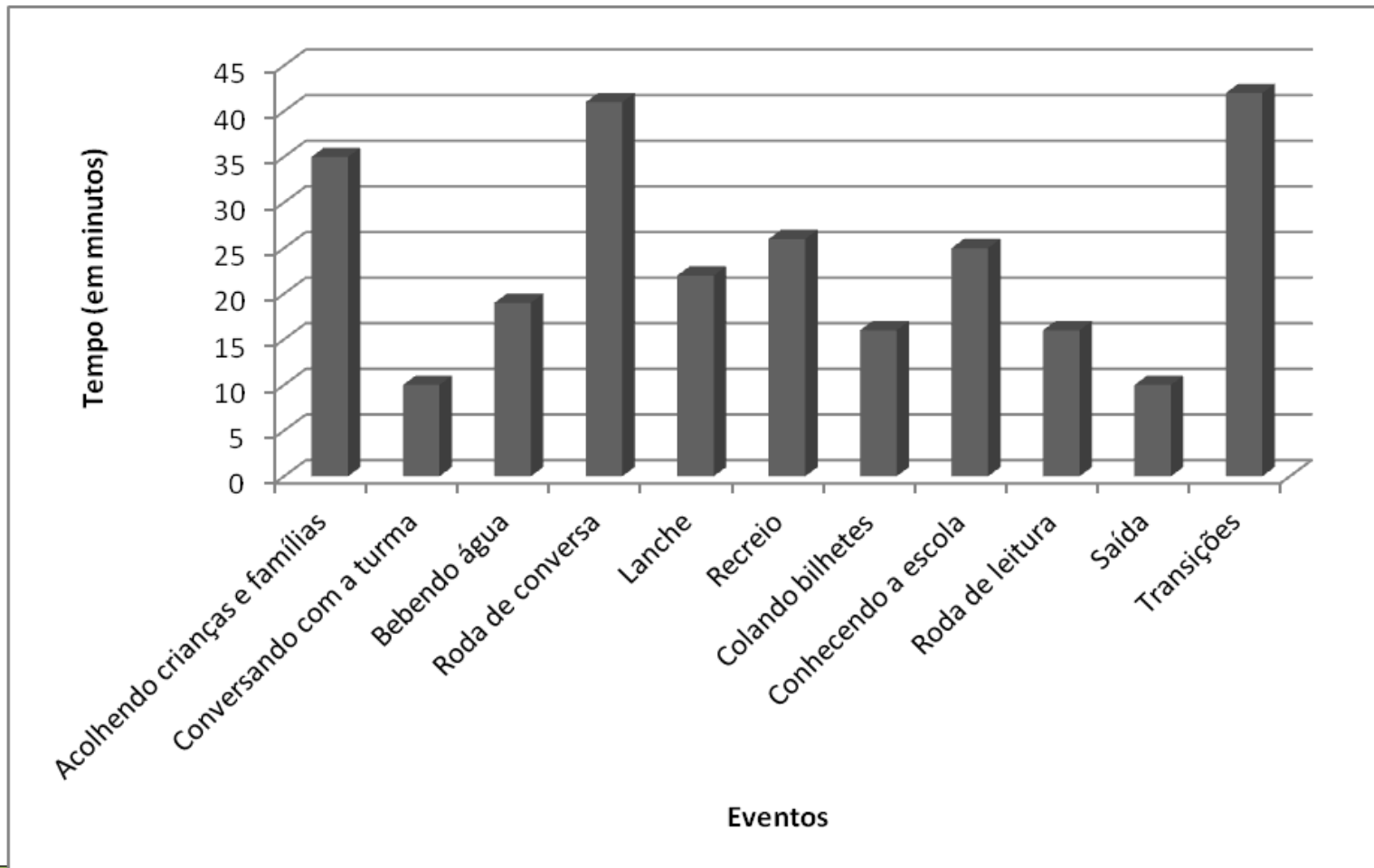
SEGUNDA EXPERIÊNCIA: Diálogos entre a cultura de pares, a cultura da sala de aula e a cultura escolar

Esta experiência foi apresentada na ANPEd em 2013 com o título:
Acompanhando uma Turma de Crianças nos Três Primeiros Anos do Ensino
Fundamental: o início do processo de escolarização.
O texto está disponível em <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/171-trabalhos-gt13-educacao-fundamental>

ANTES DO PRIMEIRO DIA DE AULA: ACOLHENDO AS FAMÍLIAS

- é/ na primeira reunião eu conheci o Vinícius/ porque a gente foi lá/ a gente saiu da sala de reunião e e/ é/ qual é o seu nome?/ aí ele/ meu nome é “Vinícius”/ quer dizer/ meu nome é Breno/ aí a gente saiu correndo assim/ aí/ o guarda [porteiro da escola]/ o quê que cês tão fazendo aqui?/ aí a gente/ saiu correndo assim/ aí/ vão dar um fora véio/ então a gente saiu correndo/ aí a gente se conheceu/ aí no primeiro dia de aula eu já conhecia ele (Entrevista coletiva com Breno, Júlio e Paulo, 03/07/12).

O PRIMEIRO DIA DE AULA



DESTACANDO ALGUNS ASPECTOS TÍPICOS

Alguns aspectos foram iniciados no primeiro dia de aula e se mantiveram ao longo do primeiro ciclo:

1. a rotina diariamente escrita no quadro;
2. a preocupação com o bem estar físico das crianças;
3. o cuidado com os artefatos escolares (incluindo os brinquedos);
4. o tom de voz baixo da professora;
5. a roda de conversa;
6. a prática de uma criança ajudar a outra;

A RODA DE CONVERSA

A roda aconteceu frequentemente, orientando a participação e **incluindo as crianças** nas atividades da turma. Nesse primeiro dia, as rodas ocuparam 22% do tempo total e deram **visibilidade às experiências pessoais** das crianças em outros espaços sociais. Ao longo do ano, as experiências das crianças **dentro e fora da escola** foram entrelaçadas, constituindo a cultura daquela sala de aula.

Dessa mesma forma, as carteiras organizadas em grupos sinalizam a **importância das conversas entre as crianças**. Em outros dias, as carteiras foram mantidas em grupos ou foram organizadas em filas com duplas de carteiras. Foram poucos os momentos observados em que as crianças sentaram-se em filas individuais.

A PRÁTICA DE AJUDAR O COLEGA

- vamos fingir/ vamos fingir/ eu não terminei/ o Breno terminou/ eu falo/ Breno/ me ajuda/ e aí ele me ajuda [...] éééé/ igual/ ééé/ vamos ver/ assim ó/ **igual/ a gente vai no parquinho/ aí/ cê quer brincar com um colega/ aí ele deixa/ igual você fazer atividade.**

(Jonas. Entrevista coletiva, 03/07/12. Grifos nossos).

“E tem alguma coisa aqui na escola que vocês não gostam?”:

Nina: A gente não gosta que a Miriam (bolsista estagiária) grita...

Pesquisadora: Ah... Dos gritos?

Nina: É porque a Miriam/ grita tão alto/ tão alto... Igual a minha professora... Igual a... Igual a professora de matemática.

Paco: A Miriam grita, grita!

[...]

Pesquisadora: É? E por que que gritam?

Nina: A Miriam grita mais... Porque a Miriam... **A escola até explode!**

Paco: QUÊ?!

Pesquisadora: É? Por que que ela grita? Como assim?

Nina: É porque todo mundo... A gente fica... Eles ficam incomodando... Porque quando eles ficam conversando/ eles não param de conversar/ todo mundo fica conversando/ aí ela fica lá parada/ aí ela fala assim: “*vocês não vão deixar eu falar não?*” Aí ninguém fala... Todo mundo fala assim: “*vamos*”.

[...]

Nina: A Karina não grita não.

(Entrevista coletiva com Nina, Ricardo e Paco. 03/07/12).

O QUE PODEMOS APRENDER COM AS DUAS EXPERIÊNCIAS?

- Como construir uma prática educativa em diálogo com o universo infantil?
- REFLEXÃO: O QUE EU FAÇO, POR QUE, COMO, QUANDO, COM QUE CONSEQUÊNCIAS?

OBRIGADA!

